

* Instituto de
Estudos Medievais /
FCSH-UNL
Gulbenkian Professor-
ship 2013–2015
catarina.tente@
fcs.unl.pt

** Direção-Geral
do Património Cultural
– Extensão de Torres
Novas
slourenço@dgpc.pt

A ocupação da Idade do Ferro da Galeria da Cisterna (sistema cársico da nascente do Almonda, Torres Novas)

Catarina Tente*
Sandra Lourenço**

Resumo O objetivo deste trabalho é estudar os conjuntos de cerâmica e metais recuperados da Galeria da Cisterna do sistema cársico do Rio Almonda (Torres Novas) nas escavações aqui realizadas em 1988–1989 por J. Zilhão. A cerâmica está representada por 14 vasos cuja cronologia (séculos IV–III a.C.), baseada em comparações tipológicas, está em acordo com uma datação de radiocarbono obtida sobre uma amostra de madeira de uma lança encontrada em 1998 noutra setor da galeria. Esta gruta deverá ter sido um cemitério durante a Idade do Ferro.

Abstract This work aims at studying the pottery and metal Iron Age assemblages from Galeria da Cisterna of the karst system of the Almonda River (Torres Novas), which were exhumed during the 1988–1989 excavation seasons at the cave site by J. Zilhão. Pottery is represented by 14 vessels whose chronology (4th–3rd centuries BC), based on typological comparisons, is in good accord with the one obtained by a radiocarbon dating of a wood sample from a spear found in 1998 in another sector of the gallery. This cave must have been a cemetery in Iron Age times.

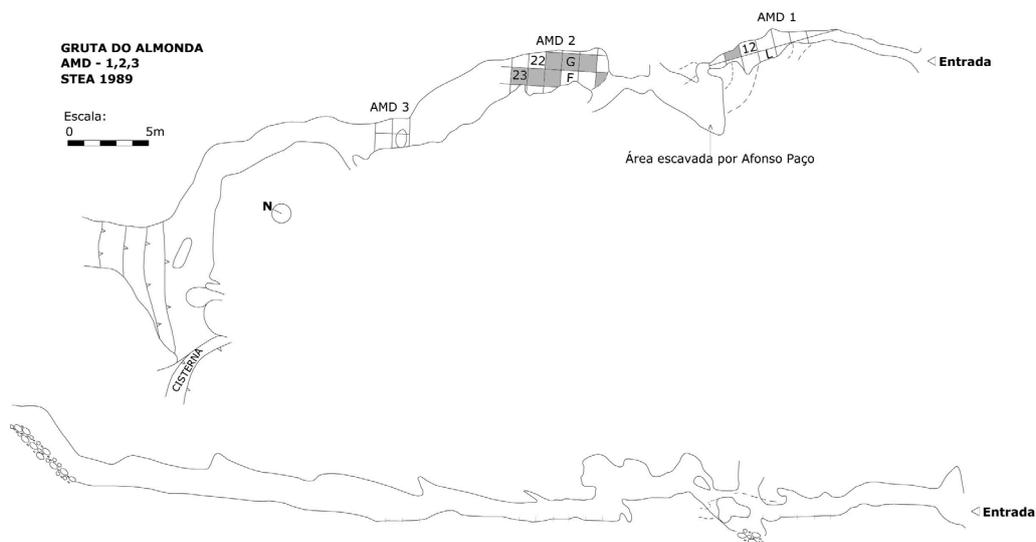


Fig. 1 – Planta das áreas escavadas e indicação das quadrículas de proveniência das cerâmicas da Idade do Ferro (a cinza) na Galeria da Cisterna (levantamento topográfico original pela Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia).

1. O contexto estratigráfico

Os fragmentos de contentores cerâmicos da Idade do Ferro aqui estudados provêm essencialmente do setor AMD2 da Galeria da Cisterna (Fig. 1). Na camada superficial de idade holocénica do setor AMD1, apenas foi identificado um fragmento cerâmico. Os materiais cerâmicos da Idade do Ferro provenientes das escavações realizadas numa área intermédia por Afonso do Paço, na década de 40 do século XX (Paço, Vaultier & Zbyszewski, 1947; ver também Arnaud & Gamito, 1974–1977), não foram objeto de reanálise.

Na escavação do sector AMD2 foram identificadas três camadas, A, B e C, estando a totalidade do material cerâmico da Idade do Ferro identificado neste setor integrado na camada A (Zilhão, Maurício & Souto, 1991). Para além de cerâmicas, foram ainda identificados ossos (humanos e animais), elementos de adorno e material lítico e metálico de diversos períodos cronológicos, desde o Neolítico Antigo até ao Calcolítico, Bronze Pleno, Idade do Ferro e, possivelmente, à Época Romana. O conjunto cerâmico aqui apresentado provém deste palimpsesto, cuja formação, na zona escavada na década de 40 do século XX, se atribuiu à passagem das águas e aos pesquisadores de tesouros (Paço, Vaultier & Zbyszewski, 1947, p. 174), mas na realidade resulta fundamentalmente das perturbações decorrentes da reduzida espessura do depósito sedimentar num quadro de utilização recorrente de espaço que, por outro lado, é muito restringido (Fig. 1). As características deste contexto arqueológico

não permitem relacionar as cerâmicas estudadas nem com o restante espólio nem com os restos ósseos humanos contidos no depósito. As possibilidades de interpretação da funcionalidade deste espaço na Idade do Ferro são portanto limitadas.

A Galeria da Cisterna é um contexto aberto em que deposição, remoção e remobilização dos contextos primários se foram sucedendo ao longo de várias épocas. Compreende-se assim a razão por que as cerâmicas estudadas estão muito fragmentadas e só raramente foi possível relacionar fragmentos originalmente pertencentes a um mesmo contentor.

2. O conjunto das cerâmicas

O conjunto de cerâmicas da Idade do Ferro do Almonda exumado em 1988–1989 é constituído por 19 fragmentos, que representam um número mínimo de 14 recipientes. Face ao contexto arqueológico optou-se apenas por considerar neste estudo as cerâmicas que sem dificuldade se integram na Idade do Ferro. Deixámos de lado vários fragmentos lisos identificados durante a análise que, não podendo ser relacionados com nenhum dos vasos que aqui se apresentam ou não permitindo reconstituição da forma, podem ainda assim, pelas características das suas pastas e por serem a torno, integrar-se nesta cronologia.

Uma vez que o conjunto tem uma dimensão reduzida, optou-se por descrever individualmente cada um dos fragmentos, integrando-os nos recipientes que foi possível isolar. Para

Fig.2 – Recipiente 3 (fotografia de José Paulo Ruas).



Fig.3 – Fotografia do designado recipiente 4 (fotografia de José Paulo Ruas).



Fig.4 – Fotografia do designado recipiente 5 (fotografia de José Paulo Ruas).



cada uma das peças apresenta-se o número do registo de escavação, associado ao respetivo setor e quadrado. Com exceção das peças 2 (recipiente 2) e 30 (recipiente 5), todas provêm do setor AMD2, tal como já foi referido (Fig. 1).

Recipiente 1

Peça AMD2/H21/1: fragmento de base plana, de fabrico em roda de oleiro, de pasta compacta de cor castanho-acinzentada escura, certamente resultante da cozedura redutora. A pasta apresenta elementos não plásticos de

pequena dimensão, é compacta e de textura xistosa. A sua superfície externa apresenta ainda vestígios de um engobe negro.

Recipiente 2

AMD1/L-M14/2: fragmento de bordo redondo com orientação direita e paredes finas, fabricado em roda de oleiro. A pasta é compacta, de textura granular, castanho-clara e a cozedura oxidante. Apresenta escassos elementos não plásticos e as superfícies têm um engobe negro.

Recipiente 3 (Fig. 2)

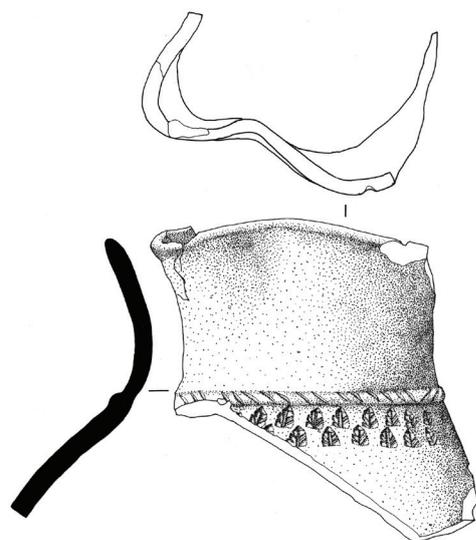
AMD2/F22/7: fragmento de bordo redondo com orientação direita, apresentando paredes finas e estrias da roda de oleiro. A pasta é castanho-clara, compacta, com elementos não plásticos de pequena dimensão e cozedura redutora-oxidante. A superfície externa apresenta polimento e decoração com linhas paralelas que enquadram motivos triangulares incisos, bem como um elemento de prensão de secção sub-retangular.

AMD2/F23/315: fragmento de bojo, apresentando paredes finas e estrias da roda de oleiro. A pasta é compacta, castanho-clara, com elementos não plásticos de pequena dimensão, e a cozedura é oxidante. A superfície externa apresenta polimento e decoração com cordão inciso e linhas incisadas paralelas desenhando triângulos.

AMD2/G21/654: fragmento de bordo redondo com orientação direita, apresentando paredes finas e estrias da roda de oleiro. A pasta é castanho-clara, compacta, com elementos não plásticos de pequena dimensão, e a cozedura é oxidante. A superfície externa apresenta polimento e decoração com cordão inciso e duas linhas incisadas paralelas.

Recipiente 4 (Fig. 3)

AMD2/F22/16a: fragmento de bojo, apresentando paredes finas e estrias da roda de oleiro. A pasta é castanho-escura, com elementos não plásticos de pequena dimensão, compacta e de textura granular. A cozedura é redutora e a superfície externa apresenta polimento e decoração de linhas paralelas incisadas delimitando campos decorativos preenchidos por linhas oblíquas. Apresenta ainda um



arranque de elemento de preensão de secção sub-retangular.

Recipiente 5 (Fig. 4)

AMD3/30: fragmento de bojo, apresentando paredes finas e estrias da roda de oleiro. A pasta é castanho-clara, com abundantes elementos não plásticos de reduzida dimensão, compacta, e de textura granular. A cozedura é oxidante-redutora, pelo que a superfície externa apresenta uma cor cinzenta escura. A decoração consiste em duas caneluras excisas preenchidas com traços oblíquos incisos, entre as quais foram incisas linhas paralelas formando triângulos.

AMD2/F22/36: fragmento de bordo redondo com orientação direita, apresentando paredes finas e estrias da roda de oleiro. A pasta é castanho-escura, com elementos não plásticos de pequena dimensão, compacta, e de textura granular. A cozedura é redutora e a superfície externa apresenta polimento e decoração incisa constituída por duas linhas paralelas, entre as quais foram incisos traços oblíquos.

AMD2/F22/58: fragmento de bojo, apresentando paredes finas e estrias da roda de oleiro. A pasta é castanho-escura, com elementos não plásticos de pequena dimensão, compacta, e de textura granular. A cozedura é redutora e a superfície externa apresenta polimento e decoração com linhas paralelas e incisas formando triângulos e linhas incisas



Fig. 5 – Vaso de cerâmica com estampilhas, designado por “Recipiente 6” (desenho de Fernanda Sousa e fotografia de José Paulo Ruas).

paralelas delimitando um campo preenchido por traços incisos oblíquos.

Recipiente 6 (Fig. 5)

AMD2/SUP/16b: fragmento de recipiente de bordo trilobado, com paredes finas e de fabrico em torno de oleiro. A pasta é castanho-alaranjada, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, compacta, e de textura xistosa. As superfícies são polidas e a cozedura é oxidante, denotando-se nas fraturas vestígios de engobe ou aguada de cor cinzento-escura. O fragmento apresenta ainda parte do colo e do arranque da pança, onde se encontra decorado com cordão plástico cortado por incisões oblíquas e com duas filas de estampilhas de matriz de palmeta triangular distribuídas desencontradamente.

Recipiente 7

AMD2/F18/16c: fragmento de bojo de paredes finas, de fabrico indeterminado e cozedura redutora. A pasta é castanho-escura, com abundantes elementos não plásticos, de pequena dimensão, compacta, e de textura granular. A superfície externa apresenta um engobe negro e um fragmento de estampilha de matriz de palmeta.

Recipiente 8 (Fig. 6)

AMD2/F22/51: fragmento de bordo redondo ligeiramente exvertido, feito em torno de oleiro; apresenta paredes um pouco mais espessas que o fragmento AMD2-F22-57. A pasta é compacta, de textura

Fig. 6 – Recipiente 8 (fotografia de José Paulo Ruas).



Fig. 7 – Recipiente 10 (fotografia de José Paulo Ruas).



xistosa e cor cinzento-escura, apresentando raros elementos não plásticos. A cozedura foi redutora e as superfícies apresentam um engobe negro.

Recipiente 9

AMD2/F22/57: fragmento de bordo redondo ligeiramente exvertido, feito em torno de oleiro, e apresentando paredes finas. A pasta é compacta, de textura xistosa e cor castanho-escura, com raros elementos não plásticos e cozedura oxidante. As superfícies têm um engobe negro.

Recipiente 10 (Fig. 7)

AMD2/F21/714: fragmento de bojo de paredes finas, feito em roda de oleiro. Apresenta uma pasta castanho-clara, compacta, de textura granular, com escassos elementos não plásticos; a cozedura é oxidante. A superfície externa foi polida e apresenta uma canelura. AMD2/G21/2360: fragmento de bojo de

paredes finas feita em roda de oleiro. Apresenta pasta castanho-clara, compacta, de textura granular, com escassos elementos não plásticos; a cozedura é oxidante. A superfície externa foi polida e apresenta duas caneluras, entre as quais se destaca um pequeno cordão plástico com traços oblíquos e incisos.

Recipiente 11

AMD2/G20/788: fragmento de base plana com paredes finas; fabricado a torno, apresenta uma pasta castanho-acinzentada escura, compacta, de textura xistosa, com cozedura redutora e elementos não plásticos de pequena dimensão.

Recipiente 12 (Fig. 8)

AMD2/G19/847: fragmento de bojo de pasta castanho-acinzentada, compacta e com textura xistosa, apresentando pequenos elementos não plásticos abundantes. A cozedura é oxidante e a superfície externa foi polida e estampilhada com palmetas.

Fig. 8 – Recipientes 12 e 13 (fotografia de José Paulo Ruas).



Ponta de Lança	
Matéria	Ferro
Tipo	Folha longa com nervura central e alvado
Comprimento total	440
Comprimento da nervura central	240
Largura máxima	250
Largura a meio	250
Espessura a meio (c/ nervura central)	4,43
Espessura na extremidade proximal	2,3
Espessura na extremidade distal	2,39
Comprimento do alvado (conservado)	21,94
Secção do alvado	Redonda
Espessura do ferro do alvado	1,57
Largura interior do alvado	13
Largura total do alvado	17,19
Cabo	
Matéria	cf <i>Pyrus</i>
Comprimento máximo	460
Espessura máxima	23
Espessura a meio	23
Espessura da extremidade proximal	11,53
Espessura da extremidade distal	17,73
Comprimento máximo da parte encabada	76,89
Espessura máxima da parte encabada	24,58
Espessura interna da madeira	3,5

Quadro 1 – Descrição da peça (medidas em mm).

Fig. 9 – Ponta de lança e respetivo cabo (fotografia de José Paulo Ruas).



Recipiente 13 (Fig. 8)

AMD2/G21/1150: fragmento de bojo de paredes finas e pasta compacta, de cor castanho-clara, com textura xistosa. Apresenta uma cozedura oxidante-redutora e a superfície foi polida e decorada com estampilhas em forma de palmetas.

Recipiente 14

AMD2/G21/1901: fragmento de base plana com paredes finas. A pasta apresenta coloração castanho-avermelhada com poucos elementos não plásticos, consistência compacta, e textura xistosa. A cozedura é oxidante-redutora e apresenta superfícies polidas.

Do quadrado F22 da zona AMD2 foi recentemente obtida por J. Zilhão (inf. pes.) uma datação de radiocarbono sobre astrágalo direito de cf. *Ovis* que poderá estar relacionada com a ocupação representada por este conjunto cerâmico: 2129±27 BP (OxA-27982). Calibrada através da curva INTCAL13 com a ver-

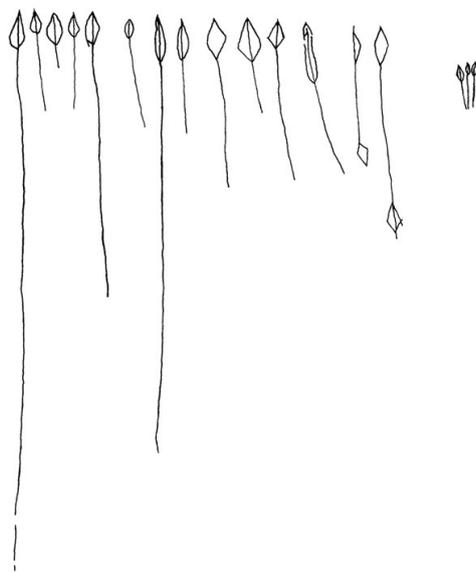
são 4.2.3 do programa OxCal (Bronk Ramsey, 2009), esta datação corresponde aos intervalos 200–111 a.C. (para uma probabilidade de 68,3%) e 347–55 a.C. (para uma probabilidade de 95,4%). Este resultado é consentâneo com a cronologia do século II a.C. sugerida pela tipologia do conjunto cerâmico estudado.

3. Descrição da lança

Em 1998, durante ações de prospeção por espeleo-mergulho na galeria inundada situada sob a Galeria da Cisterna e pela qual o Almonda subterrâneo comunica com a nascente, Ricardo Rodrigo identificou e recolheu uma lança em ferro com cabo, cuja madeira foi estudada por Paula Queiroz e sujeita a datação por radiocarbono.

Trata-se de uma lança em ferro de folha longa, com nervura central e alvado que está encabada num cabo de madeira de *Rosaceae*, subfamília *Maloideae*, possivelmente do género

Fig. 10 – Exemplos de lanças representadas em gravuras da Idade do Ferro da Rocha 10 do sítio de Vale da Casa, Vila Nova de Foz Côa (imagem cedida por António Martinho Baptista).



Pyrus (Queiroz, 2002). Apesar de a folha metálica estar separada do cabo, por este se ter partido na área da junção com a parte metálica, é ainda possível observar o encabamento, que foi conseguido através do encaixe da madeira no alvado e depois amarrado por fibras vegetais (Fig. 9).

As dimensões e principais características da peça vêm descritas no Quadro 1.

A datação por radiocarbono do cabo da lança (Beta-124199) deu o resultado de 2270 ± 40 BP, cuja calibração através da curva INTCAL13 com a versão 4.2.3 do programa OxCal (Bronk Ramsey, 2009) corresponde aos intervalos 396–235 a.C. (para uma probabilidade de 68,3%) e 402–207 a.C. (para uma probabilidade de 95,4%).

Pela sua forma, a ponta da lança encontra paralelo na do Monte da Cardeira (Alandroal). Fabião (1999, p. 135) sugere uma cronologia do século IV a.C. para esta última, considerando, contudo, “um âmbito cronológico até ao séc. III a.C., dificilmente posterior”. A data obtida para o cabo da lança do Almonda coloca-a no século IV ou III a.C., ou seja, na cronologia de base tipológica proposta para a lança do Monte da Cardeira. Embora, para uma probabilidade de 95,4%, o intervalo de confiança deste resultado se sobreponha parcialmente ao obtido para o osso de ovelha de AMD2, a respetiva comparação através do teste de Ward e Wilson (1978), realizada com o programa Calib, versão 7.0.1 (Stuiver & Reimer, 1993), indica que este último é mais recente.

O comprimento do cabo de madeira (46 cm) encontra paralelo nalgumas das lanças da necrópole da Fonte Santa que “documentam um comprimento bastante modesto para a sua componente de madeira (c. 50 cm), o que faz destas lanças armas de combate e não de arremesso” (Fabião, 1998, pp. 129–130). O tipo de folha e o comprimento do cabo indicam que também a lança da Galeria da Cisterna fosse uma arma de combate.

Apesar da sua escassez em contextos arqueológicos portugueses desta época, as gravuras da Idade do Ferro do Vale do Côa fornecem paralelos iconográficos em que também nos podemos apoiar. Aí é possível identificar um conjunto bastante vasto de lanças de diferentes tipologias, apresentando algumas delas cabos curtos e folhas longas, tal como no caso da lança da Galeria da Cisterna; é o caso dos exemplares representados na Rocha 10 dos núcleos de gravuras de Vale da Casa (Fig. 10), em Vila Nova de Foz Côa (segundo Baptista, 1999, p. 175).

4. Outros objetos metálicos

As escavações da responsabilidade de João Zilhão realizadas em 1988 e 1989 na Galeria da Cisterna deram ainda algumas peças em metal nas três zonas: AMD1, 2 e 3. Em AMD1 recuperaram-se nove fragmentos de peças de ferro, destacando-se um virote de besta e um badalo de chocalho, o que aponta para que se trate de um conjunto tardio, relacionado com ocupação da Época Medieval. Em ADM3 encontrou-se um alfinete em bronze e fragmentos de pregos e/ou tachas e pedaços de ferro de peças indeterminadas; são peças de difícil integração cronológica e que se poderão relacionar com vários momentos mais tardios da ocupação da gruta.

O maior conjunto de metais provém de ADM2, onde também se recolheu a maioria das peças cerâmicas aqui estudadas, e consta de duas tachas em ferro, dois fragmentos de argolas de ferro, um alfinete e uma agulha de bronze, e um fragmento de uma peça de ferro decorada. Se a integração cronológica das argolas, do alfinete e das tachas, não excluindo a II Idade do Ferro, é de largo espectro, o mesmo não ocorre com o fragmento de peça decorada (Fig. 11). Trata-se de uma argola frag-

mentada na parte proximal e apresentando na parte distal uma decoração composta por três glóbulos (bagos) em relevo soldadas em forma de cacho. O diâmetro exterior da argola é de 20 mm e as medidas do cacho são de 9,09 x 10,1 mm.

A raridade desta peça reside no facto de ser feita de ferro. Pelo seu tamanho e forma, poderia tratar-se de um brinco mas, por norma, este tipo de adornos eram fabricados em ouro ou prata e há que considerar que o ferro não é um metal adequado a um fecho de brinco, porque o seu manuseamento seria difícil e não poderia abrir-se e fechar-se muitas vezes sem que se partisse. Não é, por isso, de descartar a hipótese de se tratar de um pendente ou de elemento de ornamentação aplicado a objeto de madeira, tecido ou couro que não se conservou.

É habitual o aparecimento de joalharia de ferro em contextos da II Idade do Ferro, mas são sobretudo peças de maior dimensão, como torques, braceletes, pulseiras, fíbulas e, mais raramente, anéis sem decoração e de fácil execução. No entanto, a peça decorada com um cacho de AMD2 tem paralelos em objetos de ouro e prata (nomeadamente brincos) encontrados no norte e centro da Península Ibérica quer em contextos da II Idade do Ferro quer em contextos do início da Época Romana. Tal integração cronológica está em perfeita consonância com a tipologia das cerâmicas identificadas em AMD2, objeto deste estudo, e com as duas datações de radiocarbono aqui apresentadas. O paralelo geograficamente mais próximo para peças semelhantes é o conjunto de brincos em ouro de Santana da Carnota, em Alenquer (Heleno, 1935; Correia, Parreira & Silva, 2013, p. 107). Ainda que, na generalidade destes exemplares, a decoração seja mais complexa, há um muito semelhante à peça do Almonda, de que difere apenas por possuir apenas mais um bago na decoração em cacho.

5. Integração cultural e cronológica

Na região envolvente à Gruta do Almonda são poucos os contextos da Idade do Ferro que tenham sido sujeitos a trabalhos arqueológicos de sondagem ou escavação. A maio-

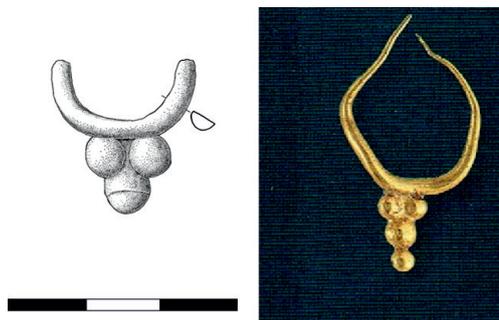


Fig. 11 – Possível brinco em ferro da zona AMD2 e verosimilmente associável à ocupação da Idade do Ferro aqui documentada (fotografia de António Faustino Carvalho). Um dos brincos do tesouro da Santana da Carnota (Alenquer), depositado no Museu Nacional de Arqueologia (fotografia adaptada de Correia, Parreira & Silva, 2013, p. 107).

ria dos dados atualmente disponíveis provém de trabalhos de prospeção. Destacam-se neste panorama os dados provenientes das escavações de *Sellium*, Gruta do Caldeirão, Abrigo da Pena d'Água, Costa do Pereiro, Alcáçova de Santarém, e Barreiros.

Materiais cerâmicos de tradição continental como os da Gruta do Almonda foram igualmente reconhecidos à superfície no Castro de Fungalvaz (Batata, 1997, p. 72) e no sítio dos Barreiros, onde se recolheu em superfície um fragmento de bojo com decoração estampilhada de matriz circular (Lourenço & Zambujo, 2000, p. 208). No Castro de Alqueidão, povoado fortificado que se implanta num local com boas condições naturais de defesa (Araújo & Zilhão, 1991), e no Monte da Cividade (Batata, 1997, p. 72), os dados recolhidos, uma vez mais em prospeção, apenas permitem atribuir uma cronologia genérica da Idade do Ferro, sem que seja possível maior precisão. Ao Castelo Velho de Riachos, possível povoado romanizado habitado pelo menos até à segunda metade do século I d.C., também ele com uma posição estratégica que permite um amplo domínio visual da paisagem envolvente, tem sido atribuída uma cronologia que remontaria à I Idade do Ferro, devido à identificação de cerâmicas fenício-púnicas (Diogo & Catarino, 1996, p. 2). Mais distante da Gruta do Almonda encontra-se o povoado da Pena, que apresenta indícios de ter tido estruturas de fortificação. Os materiais cerâmicos aí encontrados parecem apontar para uma II Idade do Ferro de influência céltica, tendo o local tido posteriormente uma ocupação romana (Batata, 1997, p. 73). Também as cerâmicas do povoado fortificado do Porto Velho indicam uma ocupação desde a II Idade do Ferro até ao século I d.C. (Batata, 1997, pp. 72–73).

A escavação do contexto da Idade do Ferro do Abrigo da Pena d'Água, levada a cabo em 1992 e 1997, permitiu a identificação de dois conjuntos distintos (Carvalho, 1998, pp. 53–54): um composto por vasos de grandes dimensões, de paredes espessas (c. 13 mm), com elementos não plásticos de grande dimensão, fabricados a torno com pastas amareladas e sujeitos a cozeduras oxidantes, incluindo um fragmento decorado com estampilha circular (Carvalho, 2008, fig. 4); outro constituído por vasos de menor dimensão, com paredes mais delgadas (c. 5 mm), de pastas muito depuradas e com uma coloração cinza-escuro, que apresentam superfícies brunidas de cor negra e têm geralmente um colo estrangulado. Uma vez mais, o contexto arqueológico é pouco esclarecedor, já que as cerâmicas provêm de níveis de palimpsesto onde surgem misturadas com cerâmicas romanas e neolíticas (camada B), ou então com materiais neolíticos (camada C e Da) e restos de ovinos, coelho e veado. Face às características dos contextos, não é possível identificar a função do sítio durante a Idade do Ferro, nem relacionar com ele alguma parte do espólio faunístico. No entanto, a falta de material osteológico humano permite supor que se trata de um contexto habitacional, provavelmente de cariz temporário. Não obstante todas as limitações, conseguiram-se obter duas datações ^{14}C sobre carvões que, calibradas, caem no período de tempo entre meados do século VIII e o século V a.C. (Carvalho, 2008), ou seja, anterior ao do conjunto cerâmico de AMD2.

No sítio vizinho de Costa do Pereiro, o mesmo autor pôde identificar um outro contexto da Idade do Ferro que se encontra ainda praticamente inédito. A única referência publicada (Carvalho, 2008, p. 62) indica que se trata de um pequeno sítio de ar livre com uma grande estrutura de combustão em *cuvette* associada a restos faunísticos, contas de pasta vítrea azul e abundantes materiais cerâmicos. Estes últimos são descritos como “equiparáveis aos conjuntos 2 e 4 da Pena d'Água”; estando presentemente em estudo, revelam estampilhas com matrizes segmentadas e circulares a par de peças de pastas alaranjadas e bandas pintadas a vermelho, refletindo portanto influências continentais e orientalizantes (A. F. Carvalho, inf. pess.). Duas datações de radio-

carbono (uma sobre carvões de medronheiro provenientes da referida lareira e outra sobre osso de boi doméstico) indicam uma larga cronologia compreendida entre os séculos IV e II a.C. (Carvalho, 2008), portanto globalmente contemporâneo das ocupações registadas na Galeria da Cisterna. Importará no futuro averiguar as relações entre ambos os contextos. Na Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992, p. 117) e em *Sellium* foram escavados níveis arqueológicos relacionados com contextos funerários de incineração que se inserem na denominada II Idade do Ferro. No primeiro, um contexto funerário de gruta, os materiais foram identificados nos níveis superficiais, muito perturbados pela escavação de tocas de texugo e onde coexistem com materiais arqueológicos da Idade do Bronze e do Período Romano. Registou-se aí igualmente a presença de cerâmica estampilhada com matriz circular, o que difere das estampilhas identificadas na Gruta do Almonda que são de matriz em palmeta. Em *Sellium*, o contexto funerário de incineração parece estar diretamente associado ao povoado da mesma época; aí foram recolhidas duas fíbulas anulares hispânicas que fazem remontar o contexto ao século IV a.C. (Ponte, 1986, p. 65).

Como se verifica, na maioria dos sítios, as considerações cronológicas são baseadas em materiais arqueológicos provenientes de superfície, não dispondo de um contexto arqueológico seguro, ou de contextos perturbados ou ainda incipientemente estudados, o que limita muito o estudo da Idade do Ferro nesta área geográfica, nomeadamente no que respeita ao estabelecimento de relações entre a ocupação funerária da Gruta do Almonda e o povoado que certamente existiria nas suas imediações e lhe estaria associado, ou à avaliação do peso das influências continentais e mediterrânicas e do modo como se terão cruzado. Aparentemente, e com exceção da Alcáçova de Santarém, onde é patente uma forte componente cultural mediterrânica (Arruda, 1993b), os dados parcelares parecem apontar para a preponderância de uma influência celtizante. Contudo, é de salientar, a título exemplificativo, a existência de contas de colar em pasta vítrea na Gruta do Caldeirão e na Costa do Pereiro, o que vem indiciar uma dinâmica cultural na região que só futuros trabalhos poderão caracterizar.

O conjunto exumado por Afonso do Paço na zona intermédia entre os setores AMD 1 e AMD2 caracteriza-se por fragmentos cerâmicos pertencentes a grandes contentores de armazenagem, conseguidos sem recurso ao torno e com uma decoração concentrada junto ao bordo. Estes recipientes parecem integrar-se nos Grupo I ou II definidos por Fabião (1998), e devem corresponder à datação dos séculos IV–III a.C. obtida para a lança em ferro. Ao contrário do que sucede no conjunto cerâmico publicado por Paço e colaboradores (1947), do grupo cerâmico aqui estudado não constam fragmentos de recipientes de grande dimensão e pasta grosseira: com efeito, os recipientes são pequenos, feito a torno (que permitiu obter paredes bastante mais finas) e apresentam um cuidado tratamento das superfícies, sendo frequente o recurso à aguada/engobe e ao polimento; existe claramente uma preferência pelas superfícies cinzentas, sendo as mesmas obtidas quer por cozedura em ambientes redutores quer por aplicação de um engobe cinzento-escuro. A sua decoração é complexa, registando-se casos de combinação entre estampilhas e cordões plásticos incisos (recipiente 6). As estampilhas estão presentes em quatro vasos (recipientes 6, 7, 12 e 13), sendo a palmeta de pequena dimensão e muito estilizada a única matriz utilizada. Em alguns casos, a decoração consiste em caneluras e incisões, sendo possível identificar dois recipientes em que a mesma gramática decorativa foi aplicada a cozeduras diferentes, uma oxidante (recipiente 3) e outra redutora (recipiente 4). Estas características aproximam este conjunto do Grupo V definido por Fabião (1998, p. 101), em que as cerâmicas apresentam “pastas bem depuradas e bem cozidas, acabamentos cuidados, quase sempre pelo recurso ao polimento e um gosto predominante pelas colorações resultantes das cozeduras redutoras”, e a ele se deve juntar o fragmento de argola em ferro decorada com um cacho de três bagos. A deposição destes materiais na zona AMD2 da Galeria da Cisterna datará portanto do século II a.C. e, provavelmente, terá sido acompanhada da deposição de restos de fauna, como indicado

pela datação sobre osso de ovino, que é consentânea com essa cronologia.

A reforçar esta diferenciação tipológica e cronológica que se tem vindo a descrever, não deixa de ser muito sintomático que ambos os conjuntos provenham de áreas diferentes da Galeria da Cisterna. A zona escavada por Afonso do Paço e colaboradores encontrava-se separada da zona AMD2 por um ressalto impeditivo da deslocação pós-deposicional de materiais de uma para outra zona por processos naturais, o que permitiu que esta diferenciação fosse conservada e indica que ela deverá estar a refletir de forma genuína a natureza dos comportamentos humanos envolvidos. Com efeito e em suma, os dois conjuntos exumados em décadas diferentes (e que não se misturaram) integram-se em cronologias também diferentes: enquanto as cerâmicas escavadas por Afonso do Paço parecem assemelhar-se ao Grupo I ou II de Fabião (1998), o conjunto exumado por João Zilhão aproxima-se das características do Grupo V e é provavelmente mais tardio.

6. Conclusões

Apesar da natureza aberta dos contextos de onde provêm as cerâmicas da II Idade do Ferro que aqui se publicam, o caráter relativamente restrito do espaço permitiu efetuar associações entre diferentes fragmentos. O conjunto de 14 recipientes apresenta características bem distintas das cerâmicas publicadas por Paço e colaboradores em 1947. Ao que tudo indica, portanto, estes conjuntos corresponderão a dois momentos distintos da ocupação da gruta.

O contexto da Idade do Ferro da Gruta do Almonda partilha com o do Caldeirão o ambiente de gruta e provavelmente corresponderá também a um contexto funerário. Dos quadrados onde foram recolhidos os fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro provêm também, com efeito, ossos humanos incinerados que, associados aos recipientes cerâmicos, poderão conformar um pequeno contexto funerário.

Agradecimentos

A José Paulo Ruas pelas fotografias das Figs. 2 a 9, e a António Martinho Baptista pela cedência para publicação das representações de lanças da Fig. 10. O desenho do recipiente 5 ilustrado na Fig. 4 é da autoria de Fernanda Sousa. Ao Fabián Cuesta pela ajuda com a peça em ferro decorada. As autoras agradecem ainda a João Zilhão e António Faustino Carvalho as sugestões e informações pessoais prestadas durante a redação deste texto, assim como a releitura do mesmo.

Bibliografia citada

- ARAÚJO, Ana Cristina; ZILHÃO, João (1991) – *Carta arqueológica do Parque Natural das Serras de Aire e dos Candeeiros*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reserva e Conservação da Natureza.
- ARNAUD, José Morais; GAMITO, Teresa Júdice (1974–1977) – Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do sul de Portugal. I. Cabeça de Vaiamonte, Monforte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7–9, pp. 165–202.
- ARRUDA, Ana Margarida (1993) – A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. In *Os Fenícios no território português*. Lisboa: Instituto Oriental, pp. 193–214.
- BATATA, Carlos (1997) – *As origens de Tomar. Carta arqueológica do concelho*. Tomar: Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar.
- BRONK RAMSEY, Christopher (2009) - Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 51:1, pp. 337–360.
- CARVALHO, António Faustino (1998) – Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992–1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 39–72.
- CARVALHO, António Faustino (2008) – Cerâmica estampilhada do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas): contexto, cronologia e breve enquadramento regional. In BERNARDES, João Pedro, ed. – *Sic memorat: estudos em homenagem a Teresa Júdice Gamito*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 53–68.
- CORREIA, Virgílio Hipólito; PARREIRA, Rui; SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2013) – *Ourivesaria arcaica em Portugal*. Lisboa: CTT.
- DIOGO, António Manuel Dias; CATARINO, João (1992) – Notícia do Castro do Chão do Castelo, Fungalvaz (Torres Novas). *Artefactos*. Lisboa. 1, pp. 46–51.
- DIOGO, António Manuel Dias; CATARINO, João (1996) – Materiais do Castelo Velho de Riachos (Torres Novas). *Artefactos*. Lisboa. 2, pp. 3–11.
- FABIÃO, Carlos (1998) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. 3 vols. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada).
- FÉLIX, Paulo (1993) – A região nabantina no final da Pré-história: Algumas considerações acerca do estudo do povoamento do 1.º milénio A.C. *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. 19, pp. 237–254.
- FÉLIX, Paulo (1996) – A cerâmica estampilhada. In *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 112–117.
- HELENO, Manuel (1935) – Jóias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, pp. 229–258.
- LOURENÇO, Sandra; ZAMBUJO, Gertrudes (2000) – A estrutura de combustão de Barreiros (Riachos). *Nova Augusta*. Torres Novas. 12, pp. 195–213.
- PAÇO, Afonso do; VAULTIER, Maxime; ZBYSZEWSKI, Georges (1947) – Gruta da Nascente do Rio Almonda. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11, pp. 171–187.
- PONTE, Salete da (1983) – Intervenções arqueológicas na área urbana de Tomar. *Al-Madan*. Almada. 1, pp. 52–53.
- PONTE, Salete da (1986) – Rua Ângela Tamagnini. *Informação Arqueológica (1985)*. Lisboa. 7, pp. 76–77.
- SOUSA, Jorge Manuel Serra de (1999) – Três povoados fortificados do concelho de Torres Novas. *Nova Augusta*. Torres Novas. 11, pp. 79–98.
- STUIVER, Minze; REIMER, Paula J. (1993) – Extended ¹⁴C data base and revised CALIB 3.0 ¹⁴C age calibration program. In STUIVER, Minze; LONG, Austin; KRA, Renee S., eds. – *Calibration 1993. Radiocarbon*. Tucson, AZ. 35:1, pp. 215–230.

ZILHÃO, João (1984) – Escavações arqueológicas na Gruta do Caldeirão: relatório de 1982/83. *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*, 7, pp. 156–164.

ZILHÃO, João; MAURÍCIO, João; SOUTO, Pedro (1991) – A arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultados das escavações de 1988–89. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 161–171.

ZILHÃO, João (1992) – *Gruta do Caldeirão: o Neolítico Antigo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.